Tema 24

Chacinas em escolas: o ponto de vista da família dos atiradores

Proposta de redação

Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto **dissertativo-argumentativo** na modalidade escrita formal da Língua Portuguesa sobre o tema "Chacinas em escolas: o ponto de vista da família dos atiradores", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para a defesa de seu ponto de vista.

Texto 1

Mãe de assassino faz relato pungente e sem concessões sobre a tragédia de Columbine

[...]

A escola de ensino médio de Columbine situa-se no Estado do Colorado, EUA, na comunidade de Columbine, próxima do condado de Jefferson e da cidade de Littleton. É uma instituição pública com 43 anos de existência. Por lá, tudo parece ter sempre corrido bem, até a manhã do dia 20 de abril de 1999, quando dois estudantes, que estavam finalizando o ensino médio, entraram com armas de fogo e bombas caseiras, mataram 13 pessoas, feriram outras 24 e se suicidaram em seguida.

Esse não foi o primeiro tiroteio em escolas dos Estados Unidos. No ano letivo de 1997-98 houve 42 homicídios em escolas americanas e, após o massacre de Columbine, houve pelo menos dois outros tiroteios em escolas do país com mortes de vários estudantes e professores.

[...]

Mas a tentativa de explicação permeia o imaginário cultural, pois, como seres racionais, acreditamos que deve haver alguma coisa que aponte para o que essas pessoas pensavam para cometer tais atrocidades. Isso é o que a mãe de um dos assassinos de Columbine, Sue Klebold, tenta entender e expressa no livro que escreveu sobre a tragédia, "O Acerto de Contas de uma Mãe – A Vida Após a Tragédia de Columbine" (Verus Editora, 299 páginas, tradução de Ana Paula Doherty).

"Recentemente eu tinha feito cinquenta anos. Tinha um marido carinhoso e um casamento que já durava vinte e oito anos de altos e baixos. [...] Minha única e maior preocupação na vida, eu dissera a minha amiga, era a saúde precária de nosso gato idoso, Rocky."

Segundo os relatos, Sue, o marido e os dois filhos formavam uma família feliz. Sue era professora e defensora de pessoas com deficiência e Tom, geofísico por formação, trabalhava em casa, e por isso convivia mais com o filho caçula, Dylan Klebold. Eram pais participativos, que controlavam o tempo e os filmes que os filhos assistiam na televisão, e faziam programas juntos com frequência.

Para Sue, todas as situações eram motivo para ensinar algo aos filhos. Quando ia ao supermercado, aproveitava para ensinar-lhes como escolher frutas, sobre o trabalho dos fazendeiros no cultivo dos alimentos e para introduzir novas palavras em seu vocabulário. "Eu ensinava Dylan a ser gentil ao colocar a fruta dentro da cesta; nós deixávamos uma senhora de idade com um ou dois itens passar na nossa frente da fila; fazíamos contato visual e dizíamos um 'obrigado' educado ao atendente do caixa."

[...]

No momento que soube que seu filho poderia ser um dos responsáveis pelo tiroteio na escola, as informações eram muito confusas, Sue desejou que Dylan morresse. Policiais invadiram sua casa e impediram que ela e o marido lá ficassem até que tivessem revistado tudo. Ficaram na garagem, esperando a polícia desocupar a casa até o final da tarde. Depois recolheram algumas roupas e os dois animais de estimação, um gato e um pássaro, e foram para a casa de um meio irmão de Tom. Seria muito perigoso ficarem em casa, pois a fúria das pessoas recairia sobre os pais dos assassinos, e, além disso, a imprensa ficou na porta de sua casa por vários dias, em busca de imagens e informações.

Sue não conseguia comer, sentia muito cansaço, não queria ver as notícias pela TV e diz que a metáfora "coração partido" para ela era real. Além de sofrer pelo luto da morte do filho amado, que era chamado por ela de "garoto ensolarado", sofria pela tragédia que seu filho fora capaz de fazer e pelas vítimas da mesma.

Seu marido dizia que gostaria que o filho os tivesse matado também e que preferiria nunca ter nascido, tamanho era seu sofrimento. Sue conta que aceitaria ter sido morta no lugar das vítimas e em outros momentos desejava morrer durante o sono.

Nas primeiras semanas, Sue sentia um "pesar profundo – perda de memória, déficit de atenção, fragilidade emocional, fadiga incapacitante". Conta que em certa manhã sentou-se na cama para se vestir e demorou quatro horas para terminar, pois a cada peça de roupa que vestia, parava e ficava olhando para o nada. Perguntou a uma amiga sobre o cansaço, pois não fazia nada e este era permanente, ao que essa lhe respondeu "você não está sem fazer nada; você está de luto. É um trabalho árduo".

Sue conta que teve vontade de se matar algumas vezes após o massacre. [...] Ao fazer a mamografia, Sue foi diagnosticada com câncer de mama. Teve problemas gastrointestinais, qualquer coisa que comesse poderia fazer-lhe mal, e emagreceu quase 12 quilos. Também desenvolveu síndrome do pânico.

Tom, o pai de Dylan, tentou encontrar emprego depois do massacre, mas, quando sabiam quem era, as pessoas não o contratavam.

[...]

Dylan foi uma criança quieta, reflexiva, adorava brinquedos de montar, aprendeu a fazer origami, era chamado pelos pais de "nosso pequeno veterano", pela habilidade que tinha de tolerar frustrações. Entrou na escola um ano antes do tempo, por ser alto e ter facilidade pelo aprendizado – quando morreu, aos 17 anos, media 1,93 de altura, e estudou da quarta à sexta séries em classes para crianças com altas habilidades.

Desde garoto tinha facilidade para fazer amizades, embora fosse tímido, e desde sua infância teve três amigos inseparáveis, sendo um deles Eric Harris, o outro assassino do massacre de Columbine. Ambos se conheceram nos últimos anos do ensino fundamental. O pai de Eric era militar e tinha se aposentado na região de Denver. No final do oitavo ano, foram premiados por terem boas notas em matemática. Segundo Sue, Eric sempre tinha sido um garoto educado e respeitoso com ela e seu marido."

[...]

LIMA, Candice M. de. Mãe de assassino faz relato pungente e sem concessões sobre a tragédia de Columbine. **Jornal Opção**. 2 jul. 2016. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/mae-de-assassino-faz-relato-pungente-e-sem-concessoes-sobre-tragedia-de-columbine-69765/>. Acesso em: 12 jul. 2019.

Texto 2

Ex-alunos atiram em escola e se matam: Suzano revive Columbine, nos EUA

O atentado à escola Raul Brasil, em Suzano (SP), que levou à morte de cinco alunos e dois funcionários, remete ao notório massacre de Columbine, que abriu discussões sobre porte de arma, *bullying* e segurança nas escolas dos Estados Unidos e no mundo.

[...]

Em pelo menos quatro aspectos, é possível dizer que Suzano reviveu, nesta manhã, os horrores de Columbine:

- Ataque cometido em uma escola
- Atiradores eram uma dupla de ex-alunos
- Atiradores premeditaram a ação
- Suicidaram-se depois de matar uma dezena de pessoas

[...]

Crime premeditado

O ataque norte-americano foi planejado por meses. No dia da ação, os atiradores dirigiram-se ao colégio com espingardas, um rifle semiautomático, pistolas e bombas caseiras.

A dupla tentou implantar os explosivos na entrada da cafeteria do colégio buscando encurralar os estudantes que tentassem fugir pela entrada do prédio.

Como as bombas falharam, Dylan e Eric decidiram sair pelos corredores da escola disparando em quem aparecesse pela frente.

Em São Paulo, as investigações estão apenas começando, mas há indícios de que Guilherme Taucci, 17, e Henrique de Castro, 25, também tenham planejado tudo com antecedência.

[...]

GRAMINHA, Pedro. Ex-alunos atiram em escola e se matam: Suzano revive Columbine, nos EUA . **UOL**. 13 mar. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/03/13/columbine-ha-20-anos-nos-eua-massacre-em-escola-chocou-o-mundo.htm>. Acesso em: 12 jul. 2019.

Texto 3

[...]

Ao menos um dos dois atiradores responsáveis pela morte de seis alunos e duas funcionárias da Escola Estadual Raul Brasil na manhã desta quarta-feira, 13, estudou na unidade em Suzano, na região metropolitana de São Paulo, afirmaram estudantes do colégio.

[...]

Em entrevista a VEJA, o avô de Guilherme [Guilherme Taucci Monteiro] afirmou que o adolescente sempre morou com ele e com sua avó – que faleceu recentemente – por não ter contato com os pais, que eram dependentes químicos. Segundo ele, Guilherme trabalhou na concessionária de Jorge, seu tio, que foi atingido por um disparo feito pelo próprio sobrinho, e foi demitido do estabelecimento há dois anos. "Era um menino bonzinho, não tinha problemas com drogas e nunca me deu trabalho", disse o avô, que preferiu não se identificar.

O avô também contou que pagava um tratamento de pele para Guilherme, que tinha vergonha de suas espinhas. O adolescente tem duas irmãs mais novas, que também moravam com o avô.

[...]

CASTRO, Luiz Felipe. Atirador de Suzano morava com os avós; pais eram dependentes químicos. **Veja**. 13 mar. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/atirador-era-aluno-da-escola-em-suzano-dizem-colegas/>. Acesso em: 12 jul. 2019.

Texto 4

Guilherme Rodrigues/Futura Press

Os muros da Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano (SP), ganharam um mural para homenagear as vítimas do atentado que resultou na morte de 10 pessoas. Localizado ao lado do portão de entrada da escola, o desenho retrata o rosto de cinco alunos e dois funcionários mortos durante o atentado. O muralista Francisco Oliveira, 24, explica que o objetivo do projeto é homenagear as vítimas.

Instruções:

- O texto deve ser escrito à tinta e em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "insuficiente";
- fugir ao tema ou não atender ao tipo dissertativo-argumentativo;
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos;
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

Dica de redação nota 1000

Além dos textos motivadores apresentados, acesse o conhecimento que possui sobre os eventos citados, além de outros semelhantes para formar um repertório sobre o tema e avaliar de que forma familiares e pessoas próximas são afetadas por esse tipo de situação.

Tema de Redação ENEM

Chacinas em escolas: o ponto de vista da família dos atiradores

Nome: _____

Turma: _____ | Número: _____ | Data: ___/___/___

Nota:

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

Tema de Redação ENEM

Chacinas em escolas: o ponto de vista da família dos atiradores

GRADE SUGESTIVA DE CORREÇÃO		
Critério/Competência	**Observar**	**Nota (de 0 a 200)**
1. Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.	Desvios ortográficos (o que inclui adequação à Nova Ortografia da Língua Portuguesa), adequações gramaticais e repertório lexical variado e adequado ao tema.	
2. Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.	Adequação ao tema proposto e à estrutura do texto dissertativo-argumentativo: "Chacinas em escolas: o ponto de vista da família dos atiradores". **Obs**.: Redações que tangenciem o tema devem ter desconto na pontuação, mesmo que apresentem estrutura adequada do texto dissertativo-argumentativo.	
3. Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.	Uso de argumentos válidos, que defendam um ponto de vista, e organizados de forma coerente, que resultem no desenvolvimento claro de ideias ao longo do texto.	
4. Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.	Ênfase ao uso adequado dos instrumentos coesivos ao longo da construção da argumentação. Encadeamento de ideias de forma coerente evitando redundâncias, contradições, discursos vazios, paráfrases e textos prolixos. Texto com introdução, desenvolvimento e conclusão.	
5. Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.	Posicionamento crítico e sugestão de soluções para as questões propostas sem violação de leis ou desrespeito de qualquer natureza aos direitos humanos.	

Diretor de conteúdos e negócios
Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor adjunto de Sistema de Ensino
Cayube Galas

Gerente editorial
Júlio César D. da Silva Ibrahim

Autora
Adriana Tullio

Editora assistente
Vivian Kaori Ehara

Colaboradora
Andréia Szcypula

Coordenador de produção editorial
Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Supervisora de preparação e revisão
Adriana Soares de Souza

Preparadora
Sônia Cervantes

Revisora
Eliana Medina

Coordenadora de imagem e texto
Marcia Berne

Pesquisa
Márcia Trindade Galvão

Gerente de arte
Ricardo Borges

Coordenadora de arte
Daniela Máximo

Supervisores de arte
Fabiano dos Santos Mariano
Flavia Yamamoto Boni

Editora de arte
Márcia Sasso